

# OTIMISMO EM LONDRES E NY

Daniela Mendes e  
Jáder de Oliveira  
Correspondentes do **Correio**

**Londres e Nova York** — Economistas que trabalham no mercado londrino e em Wall Street reagiram com otimismo e cautela ao pacote fiscal baixado pelo governo brasileiro. Em Londres, especialistas crêem que o Brasil deu a resposta certa aos que duvidavam da vontade política do governo em encarar com o rigor necessário a questão fiscal. Mas há alguma dúvida. Trata-se de um pacote tão severo, que foi além daquilo que a comunidade financeira internacional esperava.

“O pacote deverá restaurar a confiança no mercado brasileiro”, declarou Peter West, economista da Latin Invest. As medidas são, provavelmente, mais abrangentes do que se especulava na semana passada. Agora o que nos resta saber é se elas são politicamente executáveis.”

West acredita, contudo, que os políticos estão bem conscientes de que, se os problemas atuais originados da instabilidade dos mercados no mundo inteiro não forem corrigidos, as consequências seriam muito piores do que as da crise mexicana de 1994. Essa noção poderia ajudar a apressar as reformas que o governo vem tentando fazer.

Outras fontes ouvidas em Londres indicaram que aqueles que defendem no Brasil uma desvalorização do real esquecem-se de um detalhe fundamental: não adianta desvalorizar, sem que tal medida seja suportada pela reforma fiscal.

Isaac Tabor, principal economista do West Merchant Bank, crê que o Brasil está na direção correta, mas independe do país livrar-se da tempestade que sacode as bolsas.

“As dificuldades ainda não foram superadas, porque elas são o resultado de uma série de problemas que vêm de fora. Mas eu creio que haveria necessidade também de uma redefinição da política cambial. Eu não me refiro a uma grande desvalorização, mas ao aumento do ritmo em que os ajustes cambiais do real são feitos.”

Tabor frisou que “o Brasil é muito importante e a comunidade internacional não poderia se dar ao luxo de ver o País mergulhar numa crise de grandes proporções”. Em relação à reforma fiscal, Tabor crê que houve um certo descaso, porque o dinheiro da privatização aliviou em parte o caixa do país. Essa é uma reforma que precisa ser feita com urgência.

## ELEIÇÕES

A reação dos especialistas em mercados emergentes em Wall Street ao pacote foi cautelosa. “A primeira vista as medidas vão ao encontro das expectativas dos investidores, mas ainda é necessário um tempo para saber a real abrangência e possibilidade de implementação do pacote”, avaliou Gustavo Cañonero, analista de mercados emergentes da Salomon Brothers. “Mas os números, sem dúvida, impressionam”, complementou.

“As providências vão na direção correta”, concorda Michael Pettis, responsável por mercados emergentes no banco Bear Steans. “Resta saber se o governo conseguirá sustentar num ano eleitoral as medidas anunciam para melhorar as contas externas”, ressaltou. O consenso é o de que apenas aumentar os juros, como o governo fez há duas semanas, não seria suficiente para debelar as desconfianças dos investidores, por isso medidas duras nas áreas fiscal e externa, sinalizando uma firme disposição da equipe econômica em defender o real, eram aguardadas com expectativa em Wall Street.

“É um pacote doloroso, mas é um bom sinal, mostra um compromisso real do governo com a manutenção da estabilidade econômica”, diz Cañonero. Sua expectativa agora é com a velocidade de implementação do pacote, uma vez que várias medidas anunciam levam um certo tempo para serem adotadas ou dependem do Congresso, como as relativas ao funcionalismo público.

“Nem tudo é uma decisão unilateral do governo como o aumento da gasolina que pode entrar em vigor imediatamente”, frisou.